

## **Narrar sobre si é narrar o mundo: os movimentos da escrita literária feminina no RN**

To narrate about oneself is to narrate the world: the movements of female literary writing in RN

Kalina Alessandra Rodrigues de Paiva<sup>1</sup>

Sílvia Barbalho Brito<sup>2</sup>

**Resumo:** Em resposta à pandemia e ao contexto político, houve um crescimento na criação de grupos de leitura virtuais e nas publicações de autoria feminina. Buscando investigar as consequências do aumento de coletivos feministas literários, este artigo objetiva discutir esse fenômeno leitor e editorial, por meio das pesquisas de campo e bibliográfica, trazendo como resultado análises sobre tais implicações no RN em comparação ao Brasil. Del Priore (2020), Dalcastagnè (2012), entre outros, embasam o estudo.

**Palavras-chave:** Grupos de leitura; Escrita feminina; Leia Mulheres; Mulherio das Letras.

**Abstract:** In response to the pandemic and the political context, there was a growth in the creation of virtual reading clubs and in female-authored publications. Seeking to investigate the consequences of the

---

<sup>1</sup> Pós-doutorada (2021), Doutora (2019) e Mestre (2008) em Estudos da Linguagem pela UFRN. É Graduada em Letras (2003) e Especialista em Educação de Jovens e Adultos (2007), ambos pela UFRN. Atualmente, é Professora da Educação Básica e do Ensino Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Natal-Central. Poeta e contista.

<sup>2</sup> Poeta e Professora de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, com Mestrado (2017) e Doutorado (2023) em Estudos da Linguagem pela UFRN. Atualmente, trabalha como *designer* educacional, revisora, padronizadora e tradutora de textos em editoras.

increase in feminist literary collectives, this article aims to discuss this reader and editorial phenomenon, through field and bibliographical research, resulting in analyzes of such implications in RN in comparison to Brazil. Del Priore (2020), Dalcastagnè (2012), among others, provide the basis for the study.

Keywords: Book discussion groups; Women's writing; Leia Mulheres; Mulherio das Letras.

### NA SUA ESTANTE

Para início de conversa, lançamos um pequeno exercício aos leitores e leitoras deste artigo. Observe os livros de gêneros literários na sua estante: desses, quais foram escritos por mulheres? Essa foi a mesma pergunta que moveu esta pesquisa. A disparidade percebida em sua estante é um reflexo de uma conjuntura maior, estrutural e histórica.

A diferença na quantidade de obras escritas por mulheres e por homens tem um lastro em comum: a busca pela legitimidade dos discursos – mesmo ficcionais. Dentro desse sistema literário que envolve escritores, leitores e livros circulando, predominam autores brancos, masculinos e canônicos. Assim, a escrita feminina ainda tem trilhado uma via-crúcis para o reconhecimento dentro de um mercado editorial ainda dominado pelo perfil descrito.

Leitura é hábito. Gosto é outro detalhe. No caso em questão, não se trata de o público-leitor não gostar de literatura escrita por mulheres. Trata-se de não haver abertura efetiva para o trabalho ficcional escrito por elas. E a experiência com grupos de leitura dos quais participam pessoas interessadas em produções femininas tem mostrado o quanto as narrativas e a poesia têm sido buscadas, independente de gênero.

Por isso, o presente artigo busca mapear o comportamento leitor em terras norte-rio-grandenses – em comparação com dados nacionais, a fim de termos um parâmetro – e o fluxo de publicações contemporâneas de autoria feminina. Para isso, estabeleceu-se como recorte o período de 2014 a 2023, em que foram criados o Clube de Leitura Leia Mulheres em São Paulo (2014) e em Natal-RN (2016); o Mulherio das Letras Nacional (2017), o Mulherio das Letras Nísia Floresta (2017), em Nísia Floresta-RN; o Mulherio das Letras Zila Mamede (2019), em Natal-RN; o Mulherio Voz e Leitura (2021), em Parnamirim-RN; o Mulherio das Letras Indígena (2022), em Natal-RN; e o Mulherio das Letras Dona Militana (2023), ainda em formação no município de São Gonçalo do Amarante-RN. Tais coletivos têm mudado os rumos do mercado editorial e do comportamento de leitores.

Em virtude de estarmos analisando o sistema literário como um todo orgânico, pela brevidade que um artigo requer, debruçamo-nos sobre os hábitos de leitura e o surgimento de autoras contemporâneas, costurando as análises com um olhar fruto de uma herança modernista que problematizou a literatura brasileira como um território contestado. Junto a isso, somamos a crítica feminista amparada pelos desdobramentos históricos que proporcionaram ancoragem a essa pesquisa. Assim, este texto está dividido em duas seções: “Um sistema literário para chamar de nosso: mulheres e literatura”, na qual recuamos ao século XIX e consideramos o período modernista como ruptura de um sistema vigente; “Mulheres lendo mulheres no RN: coletivos e vozes femininas na literatura”, na qual são apresentados dados e é discutido o comportamento leitor, resultante do ajuntamento de mulheres com propósitos literários.

Esta investigação adota a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com objetivo de mapear o comportamento de leitura, comparando a contemporaneidade com momentos históricos específicos, quando mulheres se organizaram com propósitos literários. À guisa de conclusão, fez-se um balanço geral sobre o Rio Grande do Norte (RN), apontando caminhos e novas perspectivas. Mesmo sendo uma amostra perante o contexto brasileiro, acredita-se que tal fenômeno tenha ocorrido em outros estados, em virtude do diálogo constante com os movimentos nacionais.

### UM SISTEMA LITERÁRIO PARA CHAMAR DE NOSSO: MULHERES E LITERATURA

Não faz muito tempo que as mulheres passaram a ter acesso à educação por meio de um currículo equiparado ao que é oferecido na formação dos homens. No século XIX, quando a Europa já oferecia uma educação equânime a homens e mulheres, ainda engatinhávamos em um currículo que destinava às mulheres uma formação para trabalhos domésticos com instrução primária curta e de má qualidade: “[...] elas não deveriam se dedicar à leitura nem precisavam escrever, porque poderiam fazer mau uso da Arte, conforme a ótica de seus companheiros (DEL PRIORE<sup>3</sup>, 2020, p. 105).

Nesse contexto, esbarramos em um problema que afeta a concepção de sistema literário, proposto por Antonio Candido (1961): para

---

<sup>3</sup> A pesquisadora paulistana Mary Del Priore ganhou o Prêmio Jabuti pela obra *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000* (2020), que apresenta várias histórias de mulheres que enfrentaram as interdições em busca da leitura e do acesso à formação ainda no Brasil imperial – interdições instauradas por uma mentalidade social patriarcal da referida época.

se constituir como sistema, os textos precisam ser legitimados por uma rede leitora. Sendo assim, como poderíamos ter um sistema literário nacional, se o número de analfabetos era alarmante? Sequer havia escola pública nesse período e o currículo não era o mesmo para as poucas mulheres que estudavam.

À revelia desse currículo engessado e segregador, surge Nísia Floresta com uma proposta inovadora de educação, visando à equiparação das disciplinas curriculares oferecidas às mulheres. No século XIX, ela foi uma voz importante no cenário político, literário e, sobretudo, da educação feminina no Brasil.

Engana-se quem acredita que o ajuntamento de mulheres em busca de acesso à leitura é algo restrito à contemporaneidade. Del Priore (2020), em seu estudo, cita nominalmente mulheres que fizeram a diferença ao buscarem democratizar com seus grupos o acesso à leitura, quer seja por meio de ações alfabetizadoras, como é o caso da escritora Maria Firmina dos Reis, jovem professora parda e filha ilegítima, grande colaboradora da imprensa maranhense, que lecionou para mulheres negras, suas conterrâneas, em pleno contexto das lutas abolicionistas; quer seja criando bibliotecas comunitárias, como é o caso da baiana Henriqueta Martins Catharino que criou a Propaganda de Boas Leituras.

É preciso ressaltarmos que a escola não é o único espaço de formação. Aliás, os espaços fora dos muros institucionais em que a leitura acontece sinalizam uma prática da fruição: os grupos se reúnem, escolhem e deliberam sobre os títulos que desejam ter acesso. A escola precisa ouvir os/as participantes desses grupos de leitura alternativos que atraem pessoas com objetivos de leitura em comum. São diferentes obras, sobretudo as que estão fora do cânone, lidas de di-

ferentes modos, com objetivo de responder a uma demanda específica.

O leitor contemporâneo tem procurado uma literatura que o represente, que se aproxime de sua realidade. Não é por acaso que os prêmios literários têm reconhecido autores que exercem um lugar de fala: o indígena, o refugiado, a mulher negra da periferia, a pessoa da comunidade LGBTQUIAPN+... Existe a necessidade de ouvir o que eles têm a dizer – e de dentro do seu universo. São eles que, na atualidade, têm colaborado para a formação do hábito de leitura e para a reflexão. Se, no século XIX, um estigma foi lançado sobre o gênero romance por retirar o véu dos problemas sociais e do âmbito privado para expô-los dentro de narrativas ficcionais, tornando o romance um gênero vilão em algumas culturas, foram essas mesmas feições que deram o contorno atual que se dissemina via livro físico ou virtual.

Desde que o Modernismo aconteceu, há mais de 100 anos, a literatura brasileira tem sido um território contestado. Percebemos, na contemporaneidade, que tem ocorrido uma espécie de reparação, isto é, as vozes não autorizadas, como as das mulheres, em outros períodos da História são lidas pelo público leitor de agora. A título de exemplificação, destacaremos dois casos singulares no Rio Grande do Norte: a mossoroense Helen Ingersoll e a ceará-mirinese Etelvina Antunes. A primeira foi silenciada pelo principal articulador de cultura na época, Luís da Câmara Cascudo, pelo fato de seus poemas adotarem um projeto estético modernista de ruptura com versos livres e brancos, alguns tocados pelo erotismo, traço que afrontava a comunidade conservadora do final dos anos 1940. A segunda, exímia sonetista, foi silenciada pelo marido que não permitiu que publicasse

em vida sua obra *Violetas*.

Atualmente, com o surgimento das redes sociais e das editoras independentes, mulheres têm publicado mais, pois – dentro desse movimento político-editorial – existe um público-leitor que dá fôlego a esse crescimento: mulheres lendo mulheres. É sobre esse movimento que a próxima sessão tratará.

### MULHERES LENDO MULHERES NO RN: COLETIVOS E VOZES FEMININAS NA LITERATURA

Antes de partirmos para um recorte específico, é necessário entendermos o contexto nacional que antecede a formação de novos coletivos que mudaram as feições leitoras. É válido lembrar que os grupos ou clubes de leitura são muito mais do que um ajuntamento de mulheres: são uma ação política e formativa com vida própria, independente da intervenção do Estado, que torna a literatura acessível.

Dito isso, ao nos debruçarmos sobre o mercado editorial na Era Contemporânea, trazemos dados importantes e recentes de uma pesquisa feita pela escritora Regina Dalcastagnè (2012): ela examinou 258 obras publicadas no período compreendido entre 1990 e 2004 pelas editoras Companhia das Letras, Rocco e Record, as maiores no mercado. 72% dos autores são homens, brancos, classe média, residentes no eixo Rio de Janeiro/São Paulo. A pesquisa não considerou as publicações independentes.

Essa desigualdade se reflete na ausência de valorização da literatura de autoria feminina. E quando o assunto é reconhecimento por meio de premiações, os resultados corroboram com o *status quo*. O

Prêmio Camões, por exemplo, o mais importante de literatura concedido a escritores brasileiros e portugueses, em 30 anos, só foi concedido a seis mulheres. No contexto nacional, o mais importante prêmio literário brasileiro, o Jabuti, foi entregue a somente 14 mulheres desde 1959. Em contexto mundial, os dados também denunciam uma valorização da escrita masculina em detrimento daquela que é produzida por mulheres.

Regina Dalcastagnè (2012) traz alguns números, fruto de uma pesquisa que considera o intervalo entre os anos de 2006 e 2011 – anteriores à criação do Mulherio das Letras e do clube de leitura Leia Mulheres, que ganharam proporção em todo o território brasileiro – e reúne o saldo de ganhadores dos principais prêmios literários brasileiros (a saber, Portugal Telecom, Jabuti, Machado de Assis, São Paulo de Literatura, Passo Fundo Zaffari & Bourbon). Segundo ela,

[...] foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 06).

Em outra parte do mundo, Joanna Wash, jornalista e ilustradora britânica, em forma de provocação, levantou a *hashtag* #LeiaMulheres (no original, #ReadWomen2014). A ideia tomou uma proporção global, potencializada pelas redes sociais, de forma que, no Brasil, foi abraçada por um trio de amigas, em São Paulo, que a registrou como marca: Juliana Gomes, Juliana Leuenroth e Michelle Henriques. Atualmente, há mais de cem cidades brasileiras que aderiram ao mo-



vimento que tem repercutido positivamente, já que quem dá vida às obras são os leitores.

Em 13 de setembro de 2016, a escritora Maíra Dal´Maz cria em Natal o Leia Mulheres, tornando-se mediadora de leitura do grupo, juntamente com as escritoras Danielle Sousa e Isabela Helena. Atualmente, em Natal, as mediadoras são Daniele e Láiza Félix – esta última, fundadora do Leia Mulheres em João Pessoa-PB, no idos de 2015. A ideia ganha adesão de outras cidades norte-rio-grandenses: depois dele, foram criados no RN os clubes de Mossoró, Parnamirim, Açu, Caicó, Apodi, Patu e Pau dos Ferros, conforme informa o *site* do Leia Mulheres (2015).

Em entrevista concedida ao *blog* de cultura Típico Local (MAIA, 2020), Maíra destaca três pontos positivos da ação leitora: as metas e os estímulos associados à programação do grupo com base em escolhas dos participantes; a repercussão editorial, favorecendo o fortalecimento do comércio local, tanto para livrarias quanto para editoras; a liberdade na escolha dos temas e dos títulos, de forma a tocar o coração dos leitores, fomentando nesses encontros uma rede leitora.

Para se ter uma ideia desse impacto, a livraria Cooperativa Cultural, que possui um dos melhores acervos do RN, forneceu dados para esta pesquisa a fim de que pudéssemos comparar o *ranking* dos 10 livros mais vendidos em 2017, após a chegada do Leia Mulheres, com o de 2018, quando o clube de leitura já estava em atuação há dois anos (COSTA; TORRES NETO; SILVA, 2022).

Em 2017, só aparecem duas escritoras no *ranking*: Hilda Hilst (*Da poesia*) na 6ª posição e Simone de Beauvoir (*box de O Segundo Sexo*) na 9ª posição. É válido destacar que, nessa lista, aparecem dois potiguares: Humberto Hermenegildo (*Argueirinha*) na 5ª posição e

João Almino (*Entre facas, algodão*) na 8ª posição. Nesse mesmo ano, em um *ranking* nacional feito pela Amazon, sequer apareceram obras literárias (impressa e digital) de autoria feminina.

No ano seguinte, em 2018, há um salto considerável de duas para seis escritoras no *ranking* do RN. Dessas, duas surgem no topo da lista: Márcia Tiburi (*Feminismo em comum*) na 1ª posição; Cecília Meirelles (*Ou isto, ou aquilo*) na 2ª; Margareth Atwood (*O conto da Aia*) na 4ª; Chimamanda Adichie (*Meio sol amarelo*) em 6ª posição; Marize Castro (*A mesma fome*) em 7ª; Jane Austen (*Orgulho e preconceito*) em 8ª; Sophia de Mello Breyner (*Coral e Outros poemas*) em 10ª posição. Chamamos atenção para a presença de uma autora negra e uma poeta potiguar na lista. Já no *ranking* nacional da Amazon, Margareth Atwood (*O conto da aia*) aparece em 7º e J. K. Rowling (saga *Harry Potter*) em 10º. É importante acrescentar que a série de TV que traz adaptação de *O conto da aia* começa a ser exibida em 11 de março de 2018, o que nos mostra o fluxo de telespectadores à procura da obra e adoção desta em grupos de leitura.

Além do Leia Mulheres, em 2017, é fundado o braço regional do Mulherio das Letras Nacional no Rio Grande do Norte: o coletivo feminista e literário Mulherio das Letras Nísia Floresta, tendo como articuladora Rejane de Souza.

É válido ressaltar que publicar um livro não nos transforma em escritor. A legitimação ocorre quando o livro publicado faz parte de um sistema literário, isto é, está nas livrarias, aparece em resenhas de jornais, revistas e *blogs* de cultura, figura em listas de premiações em concursos literários, faz-se presente em programas de disciplinas e se encontra disponível em bibliotecas. Em outras palavras: quando o livro circula, ganha vida e, com ele, nasce um escritor. Isso posto, a

manutenção do sistema patriarcal revela que as disparidades de gênero também ocorrem no mercado editorial, preocupação central que moveu a criação do coletivo feminista e literário Mulherio das Letras, em 2017.

Em sua concepção, o Mulherio Nacional foi criado a partir de uma insatisfação da escritora Maria Valéria Rezende, sua principal fundadora, com o mercado editorial. Em conversas informais com as escritoras Conceição Evaristo, Mirna Queiroz e Joselia Aguiar, a vencedora do Prêmio Jabuti pensou em reunir mulheres das letras e ganhou adeptas. Dessa forma, evoluiu para um movimento que, atualmente, possui raízes nas capitais do país. “É o primeiro grupo literário em nível nacional voltado para a reunião, revelação e para o auxílio de mulheres ligadas às letras – sejam elas escritoras, editoras, acadêmicas ou mesmo *designers*” (D’ANGELO, 2017, p. 01). No Rio Grande do Norte, contudo, há quatro regionais – a ideia sugerida por Maria Valéria Rezende em todos os encontros nacionais é a de ampliar, ramificar.

Para reunir mulheres escritoras, editoras, *designers*, entre outras, e discutir vários pontos além da problemática mencionada, o I Encontro Nacional do Mulherio das Letras aconteceu entre 12 e 15 de outubro de 2017, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, na Paraíba. Neste, as diretrizes foram traçadas. No II Encontro Nacional, ocorrido de 02 a 04 de novembro de 2018, no Guarujá, em São Paulo, foi redigida coletivamente a Carta Aberta, disponível na descrição da página do Mulherio Nacional no Facebook. O grupo do Face já conta com a participação de 7,4 mil membros. Em 2019, Natal-RN sediou o III Encontro Nacional, entre 01 e 03 de novembro do referido ano. A cada encontro, o movimento só se fortaleceu e

creceu. Além deles, os encontros regionais e estaduais foram realizados de Norte a Sul do Brasil.

Fazemos uma pausa na história do Mulherio Nacional para observarmos em nível local o efeito resultante da criação do Mulherio das Letras Nísia Floresta, em 27 de setembro de 2017, pioneiro no Rio Grande do Norte, para observarmos o comportamento leitor, durante a sua atuação nos dois primeiros anos de existência em solo potiguar.

Em 2019, tivemos um aumento da procura pelos títulos de autoria feminina, de forma que o *ranking* de vendas da Cooperativa Cultural cresceu de dois para sete: Clarissa Pinkóla Estés (*Mulheres que correm com os lobos*) na 1ª posição; Buchi Emecheta (*As alegrias da maternidade*) em 2ª; Margaret Atwood (*O conto da aia*) na 3ª posição; Conceição Evaristo (*Insubmissas lágrimas de mulheres*) em 5ª; Sílvia Federici (*Calibã e a bruxa*) na 6ª posição; Paulina Chiziane (*Alegre canto da perdiz*) em 8ª; Chimamanda Adichie (*O perigo de uma história única*) em 10ª posição. Importante destacar o aumento de autoras negras na lista – no caso, três. No *ranking* nacional da Amazon, *O conto da aia* passou a ocupar o topo da lista no país.

Tais obras que figuraram na lista possuem algo em comum: o universo feminino, quer seja em obra de ficção, quer seja em não ficção. Ouvir a narrativa de mulheres contadas por elas e refletir sobre sua condição social com autoras engajadas no movimento têm sido a tônica desse fenômeno de vendas, incentivado pelos grupos de leitura pelo Brasil afora.

Em 16 de dezembro de 2019, um pequeno grupo dissidente do Mulherio das Letras Nísia Florestas cria um novo regional no RN: o coletivo Mulherio das Letras Zila Mamede, sob a coordenação de Carla Alves. Assim, os dois coletivos seguiram desenvolvendo diver-

sas atividades, movimentando culturalmente o RN em um período delicado para a sociedade: a pandemia de COVID-19 que, em 2020, exigiu o isolamento social em nome da grave crise de saúde pública. Entramos na Era das *lives*: o mundo virtual invadiu a privacidade de nossas casas. E esse momento proporcionou um fazer artístico, com destaque para aumento de clubes de leitura, de novas autoras e editoras no mercado.

As visões antifascistas, antirracistas e feministas que crepitaram nas obras das ciências humanas e na literatura deram a tônica para o surgimento de editoras independentes e criações de selos editoriais com posicionamento ideológico claro. Estávamos na fase mais difícil, contudo, sendo convidados pelas circunstâncias a rever os caminhos políticos, econômicos e humanitários pelos quais estávamos trilhando.

O público-leitor, em um *ranking* nacional da Amazon, passou a apresentar uma procura maior pela literatura de ficção, superando os livros técnicos e de autoajuda que, até então, figuravam entre as predileções dos brasileiros no geral. No topo, está o *Pequeno Manual Antirracista*, de Djamila Ribeiro, que ganhou o Prêmio Jabuti 2020 na categoria de ciências humanas.

Com relação ao mercado editorial, as chamadas para publicação em coletâneas viraram febre, tornando-se uma forma mais acessível para as pessoas que desejam publicar suas produções. Se, por um lado, a vida social presencial não podia existir, as redes proporcionaram o ajuntamento virtual de grupos e a organização do movimento em prol da escrita feminina. Algumas editoras priorizaram a escrita de mulheres, como é o caso da Editora do Mulherio das Letras, a Urutau, a Veneta, a Ser Poeta, entre outras.

Ainda no contexto local, em 30 de outubro de 2020, a poeta e professora Micheline Medeiros cria o clube de leitura Mulherio Voz e Leitura, que mantém reuniões mensais regularmente. O grupo é coordenado por “as Medeiros”, todas mulheres de sua família. A ideia surgiu após Micheline participar de uma oficina *on-line*, ministrada pela professora do IFRN, Kalina Paiva. Na época, ambas eram membros do coletivo, no I Encontro Regional do Mulherio das Letras, baseada na obra de Clarissa Pinkóla Estés, *Mulheres que correm com os lobos*.

Nesse ano, o *ranking* da Cooperativa Cultural traz a italiana Silvia Federici em 1º lugar (*Calibã e a bruxa*). A autora norte-americana e psicóloga junguiana Clarissa Pinkóla Estés aparece com duas obras no *ranking* de 2020 em terras potiguares – respectivamente, em 2º e 6º lugares (*Ciranda das mulheres sábias* e *Mulheres que correm com os lobos*). A brasileira Djamilia Ribeiro aparece em 5º e 9º lugares, respectivamente (*Lugar de Fala* e *Quem tem medo do feminismo negro*).

No ano seguinte, em 2021, Clarissa Pinkóla Estés garante três livros na lista dos mais vendidos: *O jardineiro que tinha fé*, em 5º; *Libertem a mulher forte*, em 6º; *Ciranda das mulheres sábias*, em 7º. A potiguar Marize Castro ocupa a 2ª posição com a obra *Jorro*.

Em 2022, por sua vez, referente ao primeiro semestre, três escritoras aparecem na lista da Cooperativa Cultural: a belo-horizontina Carla Madeira em 2º (*Tudo é rio*); Clarissa Pinkóla Estés em 6º (*Mulheres que correm com os lobos*); a potiguar Kalina Paiva em 9º (*Gatilhos Poéticos*), com seu livro de estreia. Em 2021 e 2022, Carla Madeira tem se mantido em 2º no *ranking* nacional, ficando atrás de Itamar Vieira Jr.

A gerente administrativo-financeira da Cooperativa Cultural, Carla Vieira, destaca que “no período de 2020 a 2022, o *ranking* apresenta média de três escritoras por ano. Considerando os números demonstrados nos *rankings*, é possível afirmar não que houve aumento nas vendas e leitura da literatura escrita por mulheres” (VIEIRA, 2022, p. 02). A queda no ano de 2022 também se deve à retomada das atividades presenciais, fato que inviabilizou uma periodicidade mais ativa dos clubes de leitura.

No ano de 2022, há um fato importante para o movimento indígena. Em 20 de fevereiro, a escritora e produtora cultural norte-riograndense Eva Potiguara cria o Mulherio Indígena em parceria com 45 escritoras indígenas vinculadas ao Mulherio Nacional, com o apoio de Vanessa Rattton e Chris Herman, coordenadoras da página do Nacional. Juntas, elas formaram uma frente ampla, popularmente conhecidas como as escritoras de cocar. Atualmente, contam com 245 associadas. Sua principal idealizadora, Eva Potiguara, detalha:

Divido a responsabilidade da articulação com minhas parentas Telma Tremembé (Ceará), Jama Wapichana (Amazonas), Aline Kaiapó (Bahia) e Cláudia optamos por não ter coordenadora, por considerarmos saudável uma política horizontal e aberta. Temos 10 comissões em que não há diretoria centralizadora, mas uma teia de conexões. Cada parenta escolhe a comissão, ou comissões que deseja atuar com base nas suas experiências, vocações e afinidades. Sou parte da comissão das articuladoras das ações de execução, *designer* e programação, com outras parentas de várias etnias e regiões. Porém, quando surge dúvidas, todas têm o mesmo espaço de vez e voz para decisões (POTIGUARA, 2022, p. 1).

As “parentas” citadas por Eva Potiguara são indígenas aldeadas e não aldeadas que vivem em contexto urbano. Mais recentemente, o agrupamento de autoras no Mulherio Indígena rendeu ao grupo o

fortalecimento nos movimentos sociais, com as autoras participando dos atos contra o Marco Temporal, em Brasília.

Em 2022, o Mulherio Indígena publicou o *Álbum Biográfico Guerreiras da Ancestralidade* (POTIGUARA; RATTON, 2022), semifinalista do Prêmio Jabuti de 2023, na categoria fomento à leitura. O livro entrega à sociedade brasileira um mapeamento das escritoras indígenas contemporâneas de várias etnias, dando visibilidade ao trabalho delas.

Também, na categoria poesia, Eva Potiguara figura como semifinalista com *Aby Ayala Membyra Nenhe'gara: cânticos de uma filha da terra*, a qual “transforma desespero em esperança” e mostra ser “possível construirmos um mundo mais equânime”, segundo seu prefaciador Daniel Munduruku (*apud* POTIGUARA, 2022). Indígena e ativista pela causa, Eva Potiguara também milita pela causa ambiental, algo indissociável do pensamento daqueles que lutam por manter direitos e identidade.

Entre 1965 e 1979, tínhamos 20% de autoras em grandes editoras. Os dados atuais mostram que o cenário mudou – embora ainda tenha um grande percurso pela frente. Regina Dalcastagnè realizou seu levantamento de 1990 a 2014, e hoje esses índices aumentaram em 30%. São números que sinalizam transformações. É inegável que isso ocorreu com ajuda das redes sociais, que potencializam furar a bolha fechada do mercado dos livros.

De olho nas editoras de pequeno porte, as grandes editoras têm destinado espaço para novos autores. A exemplo, a já citada Carla Madeira, cuja obra foi publicada em uma editora pequena, sendo reconhecida dois anos depois, quando migrou para a Record. As editoras maiores também têm aberto portas para escritoras negras, co-



mo é o caso de Conceição Evaristo, fenômeno de vendas. Ou seja: o mercado inclui essas novas vozes, ou perderá cliente. Não resta dúvida que esse movimento político de mulheres tem revolucionado o mercado.

## CONCLUSÃO

As experiências dos coletivos feministas e dos grupos de leitura fora dos espaços institucionais mostraram o quanto a literatura escrita por mulheres tem alcançado os corações dos leitores. Basta que iniciativas sejam tomadas. É possível se desenvolver grupos de leitura que aproximem os leitores das escolas às vozes da escrita contemporânea. Afinal, as decisões são políticas, por isso a necessidade de reunir as vozes femininas para que sejam reconhecidas pela sua produção.

Desde 01 de janeiro de 2023, a ressurreição do Ministério da Cultura e a criação da Secretaria do Livro, Leitura, Literaturas e Bibliotecas tem incentivado, por meio de políticas públicas, a produção literária de mulheres em suas interseccionalidades. Com um cenário favorável ao livro e ao escritor, foi possível termos na final do Prêmio Jabuti, uma escritora indígena, Eva Potiguara, entre outras que chegaram à semifinal. Também a revelação/projeção em âmbito nacional de nomes femininos por meio do Prêmio Carolina Maria de Jesus que, até então, escreviam literatura para seus nichos locais.

Para se manter um sistema literário vivo, além dos editais culturais, é importante que haja investimento em formação docente, já que estes são multiplicadores em salas de aula; em feiras com fomento do estado, valorizando as vozes femininas. Este já é um caminho

possível para mudar as feições leitoras do Brasil, oportunizando o trabalho literário das mulheres no mercado editorial ainda predominantemente masculino.

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1961. V. 1.
- COSTA, Adriano Carvalho da; TORRES NETO, José Correia; SILVA, Leilany de Oliveira. **Relatório de ranking de livros vendidos (2017 a 2022)**. Natal: não publicado, 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.
- D´ANGELO, Helô. Conheça o Mulherio das Letras, articulação de autoras por igualdade no mercado editorial. **Revista Cult**. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/mulherio-das-letras-grupo-nacional-de-autoras-por-igualdade-no-mercado-editorial/#.YrxB8sm6jLQ.whatsapp>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.
- LEIA MULHERES**. Página oficial. 2015. Disponível em: <https://leiamulheres.com.br/>. Acesso em: 01 ago. 2022.
- MAIA, Jana. Leia Mulheres, Natal! **Típico Local**. 2020. Disponível em: <https://tipicolocal.com.br/noticia/leia-mulheres-natal>. Acesso em: 30 jul. 2022.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**MULHERIO DAS LETRAS.** Página oficial do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheriodasletras>. Acesso em: 01 ago. 2022.

**MULHERIO DAS LETRAS NÍSIA FLORESTA.** Página oficial do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulnf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

**MULHERIO DAS LETRAS ZILA MAMEDE.** Página oficial do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheriodasletraszilamamede>. Acesso em: 01 ago. 2022.

POTIGUARA, Eva; RATTON, Vanessa (Orgs.). **Álbum Biográfico Guerreiras das Ancestralidade:** Mulherio das Letras Indígenas. Rio de Janeiro: Amare, 2022. Disponível em: [https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/con\\_detalhe.asp?ID=160726&vHistoryNovo=sim\\_](https://www.santoandre.sp.gov.br/biblioteca/pesquisa/con_detalhe.asp?ID=160726&vHistoryNovo=sim_) Acesso em: 01 ago. 2022.

POTIGUARA, Eva. **Criação do Mulherio Indígena.** WhatsApp: [Mulherio das Letras Nísia Floresta-RN]. 31 jul. 2022. 11:06h. 1 mensagem de WhatsApp.

VIEIRA, Carla. **Depoimento sobre títulos vendidos no Rio Grande do Norte** WhatsApp: [Cooperativa Cultural do RN]. 01 ago. 2022. 15:07h. 1 mensagem de WhatsApp.